

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



O A. encerra a introdução com uma breves notas sobre a “Estrutura geral do poema” (pp. 38–41), salientando a inegável simetria dos seus cerca de 300 versos, divididos em três partes com um número aproximado de 100 versos, equilíbrio a que não será alheio, provavelmente, um trabalho de uniformização feito ao longo do processo de transmissão do texto.

Segue-se, finalmente, a proposta de tradução, que o A. verteu numa linguagem clara e elegante, e onde são detectáveis, de facto, as marcas do estilo homérico. Embora o original comporte somente o texto seguido, talvez valesse a pena sugerir uma divisão do texto em secções, através da adição de subtítulos. Tratar-se-ia, no entanto, de uma operação um tanto arbitrária e, por isso mesmo, sujeita à crítica, se bem que ajudasse a facilitar uma consulta rápida do texto e acentuasse as potencialidades didácticas. O mais importante, contudo, é salientar a inegável pertinência da publicação desta pequena obra, que, além da edição em papel, ficará também disponível no portal (<http://www.fluirperene.com>), como é característico da colecção *Fluir Perene*.

DELFIN FERREIRA LEÃO

MARTINS, José Vitorino de Pina, *Histórias de Livros para a História do Livro*. Apresentação de Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, 339 pp. ISBN: 978-972-31-12-05-4

Livro de memórias de um dos mais consagrados bibliófilos da actualidade, estas *Histórias de Livros para a História do Livro* oferecem ao Leitor, seguindo uma metodologia de exposição que recupera a amena tradição do espírito humanístico, o testemunho de uma vida pautada pelo mais erudito e elevado amor ao livro enquanto elemento cultural triunfante e inaugurador da mais característica modernidade do Renascimento do Ocidente.

Depois da profunda, sábia e adequada apresentação, devida a Aires A. Nascimento, sob o pertinente título “*Intus et foris scriptus*: a arte de escolher o livro” (pp. VII–XXV), José Vitorino de Pina Martins oferece-nos, no Prólogo, um “Antelóquio” no qual, simples mas substantivamente, anota as motivações desta obra. Estrutura-se esta em três partes. A primeira, intitulada “Vergõntas” (pp. 9–104) recapitula os primeiros encontros e as descobertas fundadoras do Autor no universo da bibliografia relativa a incunábulo e a livros antigos com relevo para a *imprimissão* tipográfica portuguesa primitiva e quinhentista, para a impressão aldina do *Poliphilo* (Veneza, 1499), e também para antigas edições de autores clássicos e humanistas, aludindo-se, entre vários títulos, autores e editores, a Terêncio, *Arius Lusitanus*, Pomponazzi, Petrarca, Pico della Mirandola, Ovídio, Angelo Poliziano, D. Jerónimo Osório e à impressão, feita em Lisboa em 1613, de *Os Lusíadas*.

Na segunda parte, chamada de “*Primícias*” (pp. 105-216), José V. Pina Martins percorre, a pretexto da elucidação de preciosas edições quinhentistas da sua biblioteca, autores angulares, alguns dos quais se revelariam verdadeiramente marcantes e inspiradores da sua vivência de investigador e de professor universitário, sobretudo Giovanni Pico Della Mirandola e Thomas More, sem deixar de sublinhar a configuração que nos oferece de autores como Vergílio, Horácio, Plutarco, Dante, Petrarca, Francesco Barbaro e Erasmo, anotando-se nestas páginas, também, um manuscrito datado de 1618 e o *Index Expurgatório* de 1624.

Finalmente, na terceira parte, designada “Frutos Maduros e Folhas Dispersas” (pp. 217-318), tomamos conhecimento de fontes documentais relevantes para a história da cultura portuguesa em Quatrocentos e do primeiro quartel do século XVI, mormente um manuscrito de 1541 e uma iluminura atribuída a António de Holanda (c. 1535), após o que se entra na exposição relativa a edições como a *Commedia* (Veneza, 1491 e Lyon, 1502), um misterioso *Hermicus* (Veneza, 1504), um Tito Lívio (Veneza, 1520 e Mogúncia, 1519), os *Mistérios* de Jamblicus e um texto de Fisher (1527), Thomas More (1530), as *Poesias* de Garcilaso de La Vega, a raríssima edição de *Les Oeuvres*, de Romsard (Paris, 1623), para além de outros livros raros de cujas histórias e facécias por mãos de *boutiquinistes* e de alfarrabistas tomamos nota.

No “Epílogo” (pp. 319-325), o Autor, guiando-nos pela metáfora, considera as ironias da vida e da formação da sua biblioteca pessoal, levando-o a “trocar livros eróticos de Lutécia por livros heréticos de Roma e de Vlissea”. Em apêndice (pp. 329-332) várias imagens retratam encontros de José Vitorino de Pina Martins com vultos da sua amizade pessoal como Marcell Bataillon, Eugenio Ascensio, Stephen Reckert, terminando com a reprodução da belíssima encadernação moderna do *Horatius*, na edição aldina de 1501.

Obra de cuidada e original composição gráfica (as iniciais utilizadas na abertura dos capítulos são tomadas das “*Lettres Fleuries*”, expostas na obra *Champ Fleury ou L'Art et Science de las Proportion des Lettres*, de Geoffroy Tory, édita em Paris, em 1529), apresenta numerosas reproduções dos rostos das venerandas edições da biblioteca do Autor, para além de algumas peças a cores, como a da preciosa iluminura, da autoria do pintor Simone Martini, da abertura do códice com os comentários de Sérvio a Vergílio, manuscrito que pertenceu a Petrarca, e que ele conservou, mais do que simbolicamente, até ao momento da sua morte ou, ainda, a reprodução do quadro a óleo retratando o jovem Pico della Mirandola, ícone inspirador, que se guarda em espaço nobre na Biblioteca do consagrado Mestre.

Portugal possui uma importante tradição editorial e bibliófila, registando também importantes historiadores e cientistas do livro, área de investigação que muito tem florescido, seja no domínio codicológico, seja no do estudo do livro impresso antigo, nos últimos lustros. Este livro de José Vitorino de Pina Martins, dedicado aos itinerários do livro e da escrita pela Europa do Renascimento e até

aos nossos dias, constitui um importante contributo para o fazer da história do livro num dos períodos mais marcantes da história do pensamento humano. Mas não o deveremos reduzir à rudeza de uma pauta de curiosidades bibliográficas ou técnicas. O conhecimento do livro, na sua entidade histórica, ultrapassa muito a vulgar *doxa* comunicacional que hoje, com pouca felicidade, triunfa num sistema bibliotecário que parece ter arredado verdadeiramente o homem e o investigador dos seus nobres e antigos objectivos.

Na leveza aparente destas belas *Histórias de Livros para a História do Livro*, encontramos um sábio e lúcido testemunho de extrema e amorosa dedicação ao livro na sua mais nobre e bela dimensão (in)temporal de beleza e de encantamento. Despido de aparato metodológico académico, nem por isso este livro de José Vitorino de Pina Martins deixa de oferecer ensinamentos novos servidos pela firmeza da palavra esclarecida e sábia.

Obra de afectos, de memórias, de episódios pelos quais o livro mostra procurar aqueles que os amam, ela motiva-nos também para o prazer de ler, de descobrir saberes imemoriais e de compreender o significado cultural e histórico dessas relíquias gráficas antigas. Relíquias editoriais tantas vezes motivo de surpresa pelo seu aparato modesto mas de arquitectura perfeita, marcadas por uma leveza e harmoniosa clareza nas suas páginas, como são os livros saídos dos prelos do tempo de Gutemberg, de Aldo Manuccio e dos seus contemporâneos, alguns deles encontrando, em José Vitorino de Pina Martins, um destino privilegiado.

SAUL ANTÓNIO GOMES

MONTEMAYOR ACEVES, Martha Elena, *Acerca del usufructo. Libro séptimo del Digesto de Justiniano*, traducción, introducción y notas, México, UNAM, 2006, 115 pp. ISBN 970-32-3905-6

Esta tradução do Livro VII da recompilação elaborada por Triboniano sobre as ordens de Justiniano, no séc. VI da nossa era, integra um preâmbulo, útil para juristas e para o público em geral, onde se procura contextualizar a obra de Justiniano, especialmente o *Digesto*, uma introdução ao livro em causa, a tradução acompanhada do texto latino, um índice de nomes de juristas e uma bibliografia.

No preâmbulo, a autora expõe a intenção de Justiniano de fazer a recolha dos textos dos juristas e as normas para a selecção, tendo em conta a autoridade dos escritos, e para a compilação, de forma a promover a unidade, a univocidade e completude, trabalho que teve como resultado a estabilização do direito romano e a sua transformação em preceito régio, mas, consequentemente – salienta a autora –, um retrocesso no saber jurídico enquanto ciência e na sociedade em geral. A despeito da exiguidade do tempo em que foi composto, o *Digesto* teve o mérito de fazer com o direito romano chegasse à actualidade.